



JAMILA MADEIRA, A ÚNICA ALGARVIA NO PARLAMENTO EUROPEU

Portugal continua a ser o "bom aluno" da Europa



A eurodeputada socialista **Jamila Madeira** é a única algarvia no Parlamento Europeu. Em entrevista ao **POSTAL do ALGARVE** mostra-se convicta de que Portugal não falhou na utilização dos fundos comunitários e afirma que o país e a região ainda têm muito a

ganhar com a integração numa Europa alargada. A eurodeputada mostra-se convicta de que o país será capaz de "trocar as voltas" à crise e vencer os desafios que essa mesma Europa forçosamente vai continuar a trazer. E assegura que tudo indica que estamos no bom caminho.

Para si, quais são as nossas melhores áreas e porquê? Claramente o nosso potencial turístico e a excelência das nossas gentes são a nossa maior riqueza.

E quais são as nossas piores áreas e porquê? Talvez o facto de os portugueses, sendo sempre capazes de potenciar a crítica em causa própria, nem sempre são capazes de a utilizar como desafio.

PORTUGAL É VISTO COMO "BOM ALUNO" PELOS EUROPEUS

Em que medida é possível um actual país da UE poder querer sair da UE ou ser expulso ou "convidado a sair"? Não vejo que esse cenário se coloque no nosso horizonte, nem como hipótese. Todos os portugueses percebem as vantagens de estarmos integrados, bem como todos os europeus estão orgulhosos dessa integração bem sucedida. De qualquer forma, os Tratados prevêem um mecanismo de salvaguarda em que um Estado membro pode sofrer sanções e perder nomeadamente o direito de voto no Conselho em caso de violação dos princípios basilares da União.

É consensual em muitos sectores que Portugal, ao contrário de países como a Irlanda, não soube aproveitar os fundos comunitários que lhe foram atribuídos. Qual é a percepção dos seus "colegas" do Parlamento Europeu?

Como já referi, Portugal é citado por todos como o Bom Aluno. Não só devido aos contributos que deu para a consolidação da UE, como é o caso da Estratégia de Lisboa, resultado da sua Presidência em 2000, mas também fruto do seu caminho de recuperação e correcção do seu atraso estrutural, com uma eficaz utilização dos recursos financeiros que lhe foram disponibilizados, produzindo visíveis progressos a todos os níveis da sociedade portuguesa.

Portugal precisava estruturalmente para o seu desenvolvimento de infra-estruturas e por isso investiu muito nesse caminho promovendo algo que é crucial no espaço europeu: a mobilidade e a coesão. Assim, as vias de comunicação e acessibilidades tiveram um grande peso na nossa estratégia de desenvolvimento para podermos promover a igualdade de oportunidades no espaço do nosso território. Ofi, se compararmos um país cuja estrutura geográfica é claramente diversa da nossa e onde estas dificuldades não existiam, como é o caso da Irlanda, é natural que eles tenham assumido como sua máxima prioridade a formação e educação.

A 80ª de 100 Grandes Entrevistas

Das 100 Grandes Entrevistas, a Personalidades que o POSTAL considera relevantes para o Algarve e para os seus leitores, irão ser compiladas as de maior interesse jornalístico no Livro Comemorativo que vai assinalar o 20º aniversário do POSTAL em 2007.

Mas não teria sido possível avançar com os dois objectivos em simultâneo?

Portugal, só após um enorme esforço infraestrutural é que tomou em braços esse objectivo educacional. Na prática, o objectivo educacional é, verdadeiramente, adoptado em 1996, dez anos depois da adesão e os resultados só hoje começam a dar os primeiros e ainda débeis passos. Hoje questionamos se não teria sido útil traçar objectivos nas duas linhas e em simultâneo. É possível. Mas, se tivermos em conta que, por exemplo, a Auto-estrada até ao Algarve só foi concluída em 2002, conseguimos imaginar que se tivéssemos repartido esforços por ambos os objectivos talvez esta ainda não fosse uma realidade... São opções difíceis, mas que, em cada momento, têm que ser tomadas.

Sei que acredita que Portugal ainda tem possibilidades de utilizar melhor os fundos comunitários num verdadeiro processo de desenvolvimento. Se isso não acontecer, na sua opinião, poderá ficar a dever-se a quê?

Os desafios estão todos nas nossas mãos. Depois de termos passado de uma pequena economia no quadro da UE para sermos um dos países que melhor aproveitou os recursos que nos puseram à disposição, cabe-nos desenharmos os desafios determinantes para o nosso futuro. Estes

desafios deverão ser absorvidos por todos, em todas as áreas, seja na agricultura sustentável e integrada, na política marítima transversal, na indústria de inovação e investigação, no turismo de excelência, criativo e dinâmico, na competitividade na área financeira e nos recursos de conhecimento, etc. Todas são áreas de futuro com enorme potencial.

ALARGAMENTO DEU MAIS MARGEM NEGOCIAL A PORTUGAL

Em que é que o alargamento da UE pode alterar a posição de Portugal no quadro da comunidade?

Deixámos de ser um país de pequena dimensão entre poucos, para ser um país de média dimensão entre alguns. Isto naturalmente deu-nos maior margem nas negociações para integrar as nossas realidades e problemáticas no quadro regulamentar da União, bem como abriu caminho para que sejam melhor entendidas por todos.

Quais serão as principais alterações que esse mesmo alargamento deverá trazer ao nível dos órgãos decisores da Comunidade?

Como referi, altera equilíbrios e obriga a uma maior atenção em termos das preocupações de coesão económica, social e territorial, tendo esta última ganho particular evidência com o alargamento.

»Bilhete de Identidade

QUEM É? Jamila Madeira

é natural de Alte, concelho de Loulé. Diz ter sido moldada pela natureza e pela beleza da serra que envolve a sua aldeia. É uma lutadora por um mundo "mais justo e solidário ao qual todos temos direito e para o qual todos devemos trabalhar".

O QUE FAZ? Neste momento exerce funções de Deputada ao Parlamento Europeu; anteriormente passou pela actividade associativa estudantil ao nível do secundário e do superior onde foi activista. Posteriormente ingressou nos quadros técnicos da REN, onde exerce funções de economista. Foi eleita deputada à Assembleia da República nas legislaturas de 1999-2002 e de 2002-2004.



»Perfil

IDADE: 31 anos, 17-07-1975

SIGNO: Caranguejo

PROFISSÃO: Economista

ONDE RESIDE: Loulé

TEMPOS LIVRES: Família e amigos são a sua prioridade

LIVROS: Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco

QUALIDADE: Persistência

DEFEITO: Persistência

DESTINO DAS ÚLTIMAS FÉRIAS: Casa

Entrevista

Henrique Dias
com Helga Simão

POSTAL do ALGARVE - Dos 27 países da União Europeia (UE), Portugal tem sido um dos países com menor ritmo de crescimento económico e é conhecido, por nas mais diversas áreas, ou liderar os piores rankings ou pertencer ao pelotão dos últimos. Até que ponto é verdadeira a afirmação de que grande parte dessa situação se deve ao facto de termos tido piores políticos e governantes, desde Abril de 1974, do que

os restantes membros da UE? JAMILA MADEIRA - Permita-me que discorde integralmente da sua afirmação. Portugal é visto por todos os doze novos países da UE, e por todos aqueles que ainda pretendem entrar, como o bom aluno que eles querem seguir. Isto significa que nestes mais de 20 anos de apoios ao nosso desenvolvimento muito mudou neste pequeno território virado para o Atlântico, mas muito ainda está por mudar. Uma coisa é certa, ganhámos as batalhas mais difíceis devido às opções políticas de pessoas como Mário Soares, concretamente a consolidação do

nosso processo democrático e a adesão à antiga CEE, já para não falar na nossa entrada no pelotão da frente quando foi da entrada no euro. Opções difíceis, mas que colocaram sempre Portugal entre os países que foram importantes no desenvolvimento de toda a região e, claro, de nós próprios como país. Algum pessimismo é, ainda assim, compreensível. Estamos agora a tentar sair de uma situação de crise nunca antes vivida na pós-adesão à UE, mas por estarmos na UE também temos mais meios para a ultrapassar e todos os indicadores dizem que estamos no bom caminho.



ALGARVE PRECISA DE PROJECTOS CREDÍVEIS PARA SE FAZER OUVIR

Como região periférica da UE, como poderá o Algarve fazer ouvir a sua voz junto das instituições europeias?

A dinâmica associada às preocupações da coesão territorial leva a que o Algarve, bem como as regiões em situação semelhante, sejam vistas como força motriz e alavanca multiplicadora de desenvolvimento das regiões que as circundam e que se encontram em níveis de desenvolvimento inferior. Nesse sentido, para que o Algarve faça ouvir a sua voz é necessário que tenha projectos credíveis e que preencham estes propósitos. É fundamental que os nossos projectos sejam vistos como úteis, numa lógica de desenvolvimento e competitividade da zona, em geral, e da região, em particular. Por isso mesmo, a nossa visão no âmbito das relações transfronteiriças tem um papel crucial no nosso futuro.

Que grandes vantagens tirou a região da adesão de Portugal à UE?

O Algarve era, eventualmente derivado do efeito do turismo na nossa sociedade, a região mais europeia de Portugal aquando da adesão. Nesse sentido, houve um reforço dessa posição e isso traduziu-se num efeito de crescimento mais rápido, associado aos investimentos feitos no Algarve, do que no resto do país, exceptuando Lisboa e Vale do Tejo. Isto apesar de representar um resultado positivo, requer muita atenção e estratégia para que se revele sustentável no futuro.

A região sofreu algumas desvantagens em virtude dessa mesma adesão?

Não lhe chamaria desvantagens, mas houve certamente algumas oportunidades que, apesar da adesão, nós não fomos capazes de potenciar. Muitas dessas oportunidades estão associadas às nossas produções em pequena escala que sempre foram vistas como desvantagem, mas que

produzindo produtos de excepção, seja na agricultura de sequeiro ou de regadio, seja na pesca ou na indústria conserveira, poderão ser muito competitivas e valorizadas. Em grande parte, isto ocorreu devido a alguns incentivos financeiros atribuídos à produção apenas numa lógica de quantidade. Seguindo estes estímulos, muitos foram os que se sentiram tentados por esse caminho, tendencialmente mais promissor e aparentemente mais simples. No entanto, o facto de posteriormente nos depararmos com a economia mundial e com os gigantes da globalização, voltamos a ter a noção que o "small is beautiful" e que também é "good and profitable". Logo, inevitavelmente e no final de contas, este é o melhor caminho. Julgo que apesar dos anos que perdemos, ainda não é tarde demais para recuperar algumas das artes e riquezas, por ora marginalizadas, mas que no quadro da sua valorização mundial representam um segmento com enorme potencial. Um cálculo interessante seria o de estimar quanto estaria disponível a pagar uma grande magnata alemã para poder almoçar peixe fresco, pescado no próprio dia por uma pequena embarcação na nossa costa, no restaurante mais luxuoso de Berlim, a escassas quatro a seis horas depois? Este produto tem um valor quase incalculável, é único.

NÃO CONSIGO IMAGINAR O ALGARVE SEM A ADESAO À UE

Como seria hoje o Algarve se Portugal não tivesse aderido à União Europeia?

Felizmente não consigo imaginar. Julgo mesmo que ninguém da minha geração que nasceu depois do 25 de Abril de 1974, consegue imaginar o regresso ao "orgulhosamente sós".

No quadro das negociações com a UE, os sectores da agricultura e da pesca têm sido os mais sacrificados. Concorde com esta afirmação? E porquê?

bientalmente, responsável por um comércio justo socialmente seguro e sustentável. Se este compromisso for atingido, teremos dado um passo de gigante. Mas, para todos, tornou-se evidente que só com o forte empenho e contributo da UE é que poderemos virar esta página na História da Humanidade.

As alterações climáticas são outro factor a ter em conta. O Algarve está a ser uma das principais regiões da UE a ser afectada, com cenários preocupantes para daqui a 20 anos. Como única deputada algarvia na UE, acha que Bruxelas está consciente deste problema ou será que a UE acha que tem havido fundamentalismos em excessos quanto à gravidade desta questão?

As alterações climáticas estão presentes em todas as questões anteriormente referidas, seja a política Marítima, a Política Energética, a

Como referi anteriormente, tudo deve ser visto dentro do cenário que somos capazes de desenhar. Eu considero que se houver inovação e investimento no caminho correcto, o potencial destes sectores na região voltará ao brilho de outrora ou ainda mais promissor. Digo isto com a certeza que estes são também, e ainda hoje, uma das atracções que faz com que milhões de turistas nos visitem todos os anos. Na prática, só temos que saber fazer chegar o brilho e a qualidade de excepção dos nossos produtos, feitos com o carinho que só nós sabemos, aos mercados que os valorizam e que premeiam a qualidade e não apenas a quantidade.

Como vê estes dois sectores em Portugal num futuro próximo?

Eu acredito nos algarvios, acredito nos portugueses, por isso mesmo vejo que tero à garra e a perseverança para que tanto o futuro próximo como o mais longínquo sejam promissores.

PROMOÇÃO DE SECTORES LIGADOS AO MAR É PRIORIDADE

O mar será um dos grandes dossiês da presidência Portuguesa da UE, no segundo semestre deste ano. O que pode ser decidido em termos de políticas comunitárias ligadas à exploração e investigação em torno dos recursos marinhos?

Neste momento está em fase de conclusão o dossier da Política Marítima Europeia sob a forma de Livro Verde. O desafio é promover, pela primeira vez, a transversalidade de todas as temáticas associadas ao mar, sejam as pescas, os transportes marítimos, a investigação, o turismo, o ambiente e a sustentabilidade, as nossas tradições ancestrais ou outras, todas articuladas, todas integradas numa só política, numa só estratégia. Todas estas valências têm que ver connosco, portugueses, e por isso, o facto de a Presidência Portuguesa assumir a continuidade deste dossier, que



“

CRISE:

Estamos agora a tentar sair de uma situação de crise nunca antes vivida na pós-adesão à UE.

POTENCIAL:

O nosso potencial turístico e a excelência das nossas gentes são a nossa maior riqueza.

RECURSOS:

Passámos de uma pequena economia no quadro da UE para um dos países que melhor aproveitou os recursos que nos puseram à disposição.

O Algarve era (...) a região mais europeia de Portugal aquando da adesão.

MAR:

O mar deve ser um desafio algarvio e deve ser encarada por nós como um rumo crucial para o nosso desenvolvimento.

ZONAS COSTEIRAS:

Anúncio em primeira-mão, que o Parlamento Europeu promoverá um relatório de Iniciativa sobre "o impacto do turismo nas zonas costeiras" e as suas melhores práticas de desenvolvimento regional, do qual serei, eu própria, a relatora.

”

iniciou em 98 com a Expo sob o tema dos Oceanos, é particularmente relevante. Mas, seguindo essa linha, esta temática deve ser um desafio algarvio e deve ser encarada por nós como um rumo crucial para o nosso desenvolvimento.

A energia será outro dos grandes temas desta presidência. A UE continua largamente dependente do petróleo e Portugal é considerado o mais dependente dos 27 países. O que pode esperar a UE em termos de evolução do preço do petróleo?

A evolução do preço do petróleo tem uma relação directa com as situações de guerra e instabilidade no Médio Oriente. A situação no Iraque deve, por isso, merecer a nossa intervenção pela via de acção democrática e dialogante no terreno, promovendo pela alternativa aquilo que os nossos aliados do outro lado do Atlântico, claramente, não souberam promover. Esta é também uma fase de afirmação externa da UE, crucial para o seu crescimento político.

Como pretende a UE apostar, de forma clara, em alternativas ao petróleo?

Essa é a resposta paralela e urgente que a UE está a dar para manter a competitividade da nossa economia e a sustentabilidade do nosso planeta. Esse é o dossier que a Presidência Alemã abriu e procura levar a cabo, cruzando redes e interligações energéticas seguras no espaço europeu, criando alternativas no âmbito das energias renováveis e não poluentes no seio da UE (com a energia solar, a eólica ou a energia das ondas), promovendo mais investigação e aumento da eficiência energética, entre outras linhas estruturantes. Este é um caminho urgente e paralelo aos compromissos de Quioto e que deverá ficar preto no branco durante a Presidência Portuguesa.

ALTO PREÇO DO PETRÓLEO PODE TER CONSEQUÊNCIAS DRAMÁTICAS

Quais serão, a médio prazo, as consequências para a UE se o barril de petróleo conti-

nuar a rondar os 70 ou mais dólares e a sua dependência nos actuais níveis?

Efectivamente, as perdas de competitividade podem ser dramáticas se as medidas de cooperação e reformulação de técnicas e comportamentos que têm sido anunciadas, não forem suficientes para modificar rapidamente a situação. No entanto, o facto desta legislação estar na calha, significa que a consciência política está conquistada, falta conquistar a consciência da sociedade para obter resultados imediatos. Creio que estamos no bom caminho.

E para a região algarvia?

Esta é sem dúvida uma área de futuro para o Algarve, pelo potencial energético que tem no campo eólico e, naturalmente, solar. Quer seja no campo da investigação, dos projectos de produção eléctrica ou dos equipamentos, temos um cardápio de caminhos muito relevante que devemos seguir. É crucial que neste campo seja o Algarve um dos que vai ao "leme" deste processo.

Alterações climáticas no centro do debate a nível europeu

Até que ponto é possível a UE levar outros blocos económicos, como os Estados Unidos e a China, a reconhecer a necessidade de uma aposta cada vez maior nas energias renováveis e na protecção do meio ambiente?

O facto de Al Gore estar no cerne da maior campanha promocional de sensibilização para a promoção de um futuro sustentável, certamente que nos ajudará a captar a sensibilidade dos EUA, dos cidadãos e demais responsáveis políticos. Quanto ao caso chinês, é um pouco mais complexo e a pressão internacional deve existir não só nas questões energéticas, mas também na questão dos direitos humanos e sociais. Na minha óptica, este é um combate que deve ser travado no âmbito da Organização Mundial do Comércio, procurando fomentar um comércio responsável. Responsável am-

Política Ambiental ou Comercial. Esta é uma temática imperativa em todos os planos e projectos para o futuro. Também relativamente às regiões costeiras, como o Algarve, existe a preocupação de organizar e proteger a costa, de forma a permitir o desenvolvimento mas, ainda assim, garantir a protecção contra cenários mais preocupantes. Sem alarmismos, mas com determinação e acções concretas, muito pode ser feito para travar o cenário mais dramático. Na prática, depende da consciência individual, do papel de cada um de nós como cidadão.

INSTÂNCIAS EUROPEIAS ESTÃO A OLHAR O TURISMO COM OUTROS OLHOS

O turismo não era encarado pelas instâncias comunitárias como um sector a apoiar em termos de fundos comu-

nitários. Até que ponto essa atitude mudou?

A primeira evidência que demonstra esta alteração de atitudes, refere-se à abordagem do turismo como política interna da UE no âmbito do Tratado Constitucional. Algo único e de particular relevância. Desde então, os caminhos começam a ser

rasgados, assumindo, claramente, o turismo como uma das principais indústrias europeias. Também nessa linha, é com orgulho que anuncio em primeira-mão, que o Parlamento Europeu promoverá um relatório de iniciativa sobre "o impacto do turismo nas zonas costeiras" e as suas melhores prá-

ticas de desenvolvimento regional, do qual serei, eu própria, a relatora. Espero estar à altura deste desafio. Gostaria também de poder contar com a colaboração de todos os agentes do turismo e demais intervenientes no sector para atingir cabalmente os propósitos deste relatório.

CARLOS BRITO, na próxima Grande Entrevista
A visão de uma das figuras algarvias mais marcantes



Carlos Brito é a próxima Personalidade entrevistada dentro das 100 Grandes Entrevistas do POSTAL. Figura marcante e incontornável, tanto no período de ditadura como no pós-25 de Abril, Carlos Brito, desde cedo, começou a participar na vida activa partilhando com grandes preocupações sociais que lhe

valeram grandes privações de liberdade. Na próxima Grande Entrevista, vamos procurar desvendar como Carlos Brito soube sobreviver às mais variadas crises e como é que ele se mantém sempre tão activo e participativo nos dias de hoje, onde a regionalização tem uma palavra sua.